

lynaldo

revista de pesquisa e extensão
janeiro de 2022 // ano 7 // número 09 // UFCG

ISSN 2447-9969



Lidando com a perda

Projeto ajuda a entender a
terminalidade



3ª IDADE
EXTENSÃO

UNIVERSIDADE ABERTA
TELE SAÚDE

A Lynaldo 9 dá sequência à parceria da revista com a ProReitoria de Extensão (Proex/UFCG). Todos os textos desta edição trazem as marcas da pandemia de Covid-19 que continua a afetar as vidas de todos e todas que formam parte da comunidade acadêmica da UFCG, além, é claro, de todas as universidades do Brasil e do Mundo.

Apesar da excelente cultura vacinal que o Brasil desenvolveu ao longo das últimas décadas, as variantes do Sars-CoV-2, o impacto da influenza e a falta de diretrizes nacionais dificultam o retorno às atividades presenciais nas instituições de ensino superior. A recente decisão do ministro Ricardo Lewandowski de autorizar que as universidades possam exigir o passaporte vacinal é o caminho mais seguro para professores e estudantes voltarem a frequentar nossas salas de aula e vivermos o rico ambiente universitário em segurança.

Visando a contemplar projetos de extensão e pesquisa conduzidos em outros campi que não o de Campina Grande, Anderson Motta e Sam Lima escrevem sobre estudos do campus de Cuité. O primeiro deles, destacado por Anderson, aborda um tema tabu, mas inevitável para todos nós: a morte. O projeto retratado por ele debate o luto, a perda, o acolhimento. Sam aborda a esperança do início da vida. Grávidas e puérperas também precisam de cuidados e atenção com sua saúde mental.

Vanessa Nascimento mostra o trabalho fascinante da Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI). A iniciativa oferece aulas de diversas disciplinas para 40 pessoas com mais de 60 anos. Como definiu uma das beneficiadas: “a UATI é um sopro de vida, um renascer, uma luz”. É assim que os projetos das universidades devem ser vistos. Esse é o retorno que devemos dar à sociedade.

Esta é mais uma edição que reflete o espírito da Lynaldo: inclusivo, diverso e acolhedor. Dá-lhe, Lynaldo!!!

Campina Grande, Janeiro/2022

Diogo Lopes de Oliveira
Editor-Chefe da Revista Lynaldo

**Coordenadora do
Projeto Memória**
Rosilene Dias Montenegro

Editor-Chefe
Diogo Lopes de Oliveira

Sub-Editor-Chefe
Claviano Nascimento

Colaboradores
Anderson Motta
Sam Lima
Vanessa Nascimento

Revisora
Maria Elisabete Ferreira

**Diagramação e
Projeto Gráfico**
Ludemberg Bezerra



estudante UFCG

Anderson Motta



Café com a morte

Uma conversa sobre terminalidade e luto. Um espaço virtual de educação sobre a morte

por Anderson Motta

Em decorrência da disseminação do novo coronavírus (Sars-Cov 2), a pandemia da Covid-19 escancarou assuntos que são caracterizados como um tabu para a sociedade: morte, terminalidade e luto são alguns deles. O projeto de extensão da professora Glenda Agra juntamente com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Cuidados Paliativos da Unidade Acadêmica de Enfermagem, Universidade

Federal de Campina Grande – Campus Cuité (NECUP/UAENFE/CES/UFCG), visa a construir um espaço educativo acerca da morte.

Segundo o paliativista e geriatra Douglas Crispim, em uma cartilha de recomendações práticas para comunicação e acolhimento em diferentes cenários da pandemia, a incidência e progressão rápida dos casos graves, contribuem para um grande

“...é necessário refletir sobre a morte, reconhecendo-a como um processo natural da vida, mas que pode ser precocemente antecipada em decorrência do agravamento de doenças como a COVID-19”.

aumento de internações hospitalares, da utilização de recursos de terapia intensiva e das mortes.

De acordo com Sabrina Bajwah, pesquisadora do King's College de Londres, o ato de cuidar é um conceito epistêmico multidimensional. Por isso é necessário refletir sobre a morte, reconhecendo-a como um processo natural da vida, mas que pode ser precocemente antecipada em decorrência do agravamento de doenças como a COVID-19.

Por esse motivo, o projeto tem como propósito promover um espaço virtual de diálogo e compartilhamento de experiências que contornam o relacionamento do ser humano e o processo que envolve terminalidade, morte e luto. A proposta original do café com a morte surgiu no Reino Unido, por meio de Sue Barsky Reid e Jon Underwood, que motivados pelas ideias do sociólogo suíço Bernard Crettaz, criaram o Death Café. O Death Café é um evento para literalmente tomar um café e falar sobre morte, não com a finalidade de dar apoio ou aconselhamento aos participantes que perderam alguém, mas como um espaço de construção de consciência sobre a morte como um processo natural e pertencente a toda vida, falando de forma serena e proporcionando compartilhamento de experiências.

Articulado como Núcleo de Estudos e Pesquisas em Cuidados Paliativos (NECUP), o projeto tem a missão de envolver outras instituições de educação e saúde da Paraíba como Núcleo Interdisciplinar de Saúde Mental e Bem-Estar (NISE) e o Grupo Paliar UFCG. O Núcleo de Estudos e Pesquisas em Cuidados Paliativos da Unidade Acadêmica de Enfermagem do Centro de Educação e Saúde consiste em um ambiente para realização de atividades interdisciplinares, com a finalidade de desenvolver conhecimento científico no contexto da enfermagem e cuidados paliativos. Reconhecido em fevereiro de 2021, o NECUP produziu encontros quinzenais com o intuito de compartilhar experiências científicas, pessoais e

profissionais sobre temas que estão relacionados aos cuidados paliativos e à Tanatologia, que é o estudo científico sobre a morte. Também foram realizadas práticas integrativas e complementares (PICS) que dinamizaram os encontros de forma coletiva e virtual. O projeto Café com a Morte, conversas sobre terminalidade, morte e luto visa também minimizar os impactos físico e emocional causados pela pandemia da COVID-19, a partir de dinâmicas que desenvolvam autocuidado e o bem-estar dos participantes.

Para um melhor desenvolvimento, o projeto de extensão é dividido em três etapas:

1ª Etapa: Treinamento da equipe de trabalho

Nesse primeiro momento, os estudantes passam por um processo de treinamento de forma remota sobre as plataformas, recursos e manuseios de encontros virtuais e compartilhamento do conteúdo sobre o direcionamento da coordenadora e colaboradora do projeto.

2ª Etapa: Processo de trabalho: Café com a Morte: conversa sobre terminalidade, morte e luto.

Nesse segundo momento é esquematizado um fluxo de processo de trabalho para todos os encontros virtuais, montado por parceiros e membros da equipe. Esse fluxo de atividades envolve:

- a) Elaborar o tema que será estímulo para as reflexões dos encontros virtuais.
- b) Estruturar roteiro.
- c) Comunicar com os convidados.
- d) Desenvolver mídias como convite para os encontros virtuais que serão compartilhados nas redes sociais do NECUP, GRUPO PALIAR UFCG, NISE e CES oficial.
- e) A cada encontro selecionar textos como poesia, mitos, poemas ou músicas para inspirar o debate.



- f) Escolher dinâmicas integrativas complementares para encerrar o encontro.
- g) Criar formulário de inscrição pela plataforma Even.
- h) Criar a cada encontro um formulário de presença no Google Forms.
- i) Agendar encontros pelo Google Meet.
- j) Dispor o link do encontro virtual via e-mail.
- k) Acolher os participantes.
- l) Desenvolver o encontro virtual, dando espaço para a interação dos participantes com o convidado e coordenadora do projeto.

Homenagem para o pai – E assim será: até que um dia o sol cesse de arder sobre a terra – Gabriel Agra



No dia 18 de Outubro foi publicado na rede Centro de Educação e Saúde do campus Cuité, a história da única coveira/sepultadora mulher da Paraíba.

“A profissão de coveiro/sepultador é marcada pela invisibilidade social, pois trabalha diretamente com uma questão considerada tabu na sociedade ocidental – a morte. O coveiro/sepultador fica exposto a uma carga emocional frente aos rituais de despedida e todo o processo de cortejo fúnebre desde a chegada do caixão até o sepultamento. Além disso, atrelada à desvalorização social estabelecida com as famílias enlutadas” (Silva, 2018)

No site ces.ufcg.edu.br pode-se encontrar na íntegra a matéria e conhecer melhor a história de vida de Gilvaneide Costa de Assis Silva, mais conhecida como Neide, que trabalha como coveira/sepultadora há seis anos na cidade de Nova Floresta – PB.

A morte é um tema interdito. Somos culturalmente educados a não falar sobre morte para evitar que ela aconteça na nossa vida, quanto menos falar mais nos distanciamos dela. Esse modelo de pensamento está enraizado na nossa sociedade desde a Idade Média pela perspectiva do juízo final: as almas boas vão para o céu e as almas ruins vão para o inferno. Com a evolução da humanidade, a construção de hospitais, a morte passou a ser asséptica, escondida, mas sempre presente na humanidade. A forma como falamos sobre terminalidade, morte ou luto nesse projeto visa conscientizar todos os participantes de que a morte é natural, faz parte do processo da vida e podemos nos preparar para recebê-la.

O projeto visa agregar conhecimento, reflexão, transcendência e inquietações. De início, a expectativa era dos encontros serem caracterizados pelos participantes como algo triste, angustiante, pesado ou visceral. Mas o encontro está dando a possibilidade de falar sobre a morte como algo fluido, sereno e tranquilo.

Há participação de pessoas de várias regiões do Brasil e até de fora: uma doula de Lisboa, pessoas da Colômbia e da Nicarágua, configurando um projeto intermunicipal, interestadual e internacional.



Estudante//UFCG
Wanessa Micaelly



Estudante//UFCG
Monique Pereira



Estudante//UFCG
Eucliza Freire



Estudante//UFCG
Maria Heloyse

ENTREVISTA COM OS PARTICIPANTES

Wanessa - Qual a relevância de falar sobre terminalidade para o NECUP e a comunidade acadêmica da área de saúde?

Muita gente encara a morte como algo ruim, terror, medo. Em tudo existe um começo e um fim. É extremamente importante falar sobre a finalidade pois precisamos aceitar a morte como algo que faz parte da vida de todos nós. Sem contar que o projeto destaca profissionais que trabalham próximas à morte como sepultadores, maquiadores...

Eucliza - Como é participar desse projeto? (Parece uma pergunta meio simples, mas queria saber sua reação sobre o assunto?) Existe um certo tipo de bloqueio ou resistência em falar? Existe uma preparação/formação sobre o tema?

Minha participação no projeto Café com a Morte é de extremo ganho pessoal e profissional, visto que por meio do mesmo posso aperfeiçoar meu conhecimento diante de um tema tão cheio de tabus e negligenciado por muitos, banalizado por todos, acabamos nos tornando humanos resistentes ao processo de morte, morrer e luto. Buscamos dentro do projeto ofertar um espaço aberto ao público que queira participar, a fim de ouvirmos uns aos outros e discutirmos sobre nossos medos e anseios. A preparação para falar sobre o tema é buscada na literatura, o conhecimento fictício e o real, a fim de entender o processo de morte e ajudar ao próximo, mesmo que em silêncio. Enquanto profissional e acadêmica de enfermagem não apresento resistência

ou bloqueio para falar sobre o tema, já venho acompanhando o NECUP que é um Núcleo de Estudo e Pesquisa em Cuidados Paliativos, então já venho construindo minha concepção diante do abordado em cada encontro e sempre disposta a novos olhares e aprendizagem. Enquanto Eucliza humana, pessoa inserida na sociedade e comunidade, já perpasssei por dois processos de morte e morrer ativos (que foram meus avôs) e pude vivenciar a importância do conhecimento sobre o tema abordado em nossos cafés com a morte: quando você tem o conhecimento tudo flui bem, é como se você soubesse exatamente o que fazer e como fazer, não por ser uma pessoa fria, mas sim por ter o conhecimento do que está acontecendo.

Maria - Qual a importância do projeto para sua formação acadêmica?

Estou no 7º período do curso de Enfermagem, e apenas na disciplina de cuidados paliativos ouvimos falar sobre morte, nenhuma outra aborda de forma holística, apenas o nosso cuidado com o corpo pós morte, o que acho totalmente errado, uma vez que iremos cotidianamente lidar com a morte em nosso ambiente de trabalho. O projeto só tem agregado na minha vida pessoal e acadêmica, hoje tenho um olhar muito diferente e isso será muito importante quando estiver com meus pacientes.

Monique - Falar sobre terminalidade em tempos caóticos faz amenizar a dor da perda?

Sim, a partir do momento que se discute sobre esse assunto, a gente lida com ele com mais aceitação, naturalidade e nos ajuda também na elaboração de estratégias para enfrentamento do luto, como também, nos alerta a aproveitar melhor o tempo de vida que ainda temos.

ly



pós-graduanda UFPB

Vanessa Nascimento

Nunca é tarde para aprender

Alunos da terceira idade mostram que o aprendizado é algo para a vida inteira

por Vanessa Nascimento



A pandemia do novo coronavírus afetou diversos públicos com o isolamento social. Mas um em especial mereceu maior atenção, em função de pertencer ao chamado grupo de risco e ser mais suscetível a complicações da Covid-19: os idosos. Pensando nessa parcela da população tão atingida pela doença, a Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), deu início às aulas online em julho de 2020.

Após 17 anos de atuação com diversos cursos e ações extensionistas, o Programa Interdisciplinar de Apoio à Terceira Idade (PIATI), da UFCG, foi transformado em Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI). As aulas que acontecem virtualmente desde do segundo semestre de 2020, via plataforma Google Meet, tem deixado os idosos satisfeitos conforme relata a coordenadora da UATI, professora Keila Queiroz.

“Os idosos ficam muito felizes com as aulas. A maioria das pessoas estão sozinhas em casa em função da pandemia e a experiência das aulas está tirando-as da solidão.”

“É uma demanda social de extrema relevância. Os idosos e nós tivemos que aprender a usar a ferramenta online e compartilhamos a experiência das aulas virtuais. Está sendo gratificante compartilhar uma história movida pelo amor altruísta. Os idosos ficam muito felizes com as aulas. A maioria das pessoas estão sozinhas em casa em função da pandemia e a experiência das aulas está tirando-as da solidão e qualificando sua vida na quarentena”, destacou a professora.

No mesmo tom emotivo, alunas da UATI, expressam o que a Universidade Aberta representou para elas nesse período. “A UATI foi um sopro de vida, um renascer, uma luz a nos guiar num momento muito difícil de nossas vidas que é a pandemia” relatou Maria Edna Tomaz.

Para Berenice Oliveira da Silva, a UATI tem sido muito importante, no período de pandemia onde foi preciso ficar isolados em casa, sendo um “refúgio para proteger a saúde física e mental, através dos ensinamentos dados com muito amor e carinho dos nossos professores.”

“A UATI chegou na minha vida como um presente de Deus. Em todos os encontros com os amados professores eu me encontrava espiritualmente e me levando cada dia a meditar sobre tudo que a UATI me proporciona de bom para o meu bem estar. Nossos encontros são contagiantes, relaxantes, alegres... não consigo descrever o quanto a UATI é importante na

minha vida. A UATI é nosso encontro terapêutico, físico, espiritual e mental” relata Lucia Falcão, aluna da Universidade Aberta.

“Quando me matriculei na UATI, fiquei muito feliz, porém quando a gente estava esperando o dia de começar as aulas, chegou a malvada da pandemia, que tirou o prazer de todos nós estudantes do mundo todo. As aulas online foram nossa salvação para resolver os nossos problemas das aulas presenciais. A UATI é remédio para nossas vidas, trazendo alegria, felicidade, paz e muito amor entre professores, alunos e colegas. Sou muito feliz por fazer parte da família UATIANA, afirma Raimunda Costa, aluna da UATI.

O curso permanente de extensão voltado para pessoas a partir de 60 anos, com duração de dois anos tem como título central: Saúde, Memória, Ética e Estética. Desde o segundo semestre os alunos estão tendo aulas das seguintes disciplinas: Francês, Música, Educação Física, Psicologia da Velhice e do Envelhecimento, Geriatria e Gerontologia, História de Campina Grande, Linguagem, Educação ambiental, Direitos dos Idosos e Informática.

A iniciativa do curso permanente de extensão tem beneficiado 40 idosos do município de Campina Grande. Segundo a professora de Psicologia Josevania “Deixamos de viver quando perdemos o apetite pela vida, quando paramos de sonhar e acreditar em nós. Nunca chegará o tempo ideal para você fazer o que deseja. O melhor tempo se chama agora”, frisou. **ly**



estudante UFCG

Sam Lima

Tele Saúde - Gestação ComVida

Projeto de extensão da UFCG cria rede de informações para grávidas e puérperas durante a pandemia

por Sam Lima

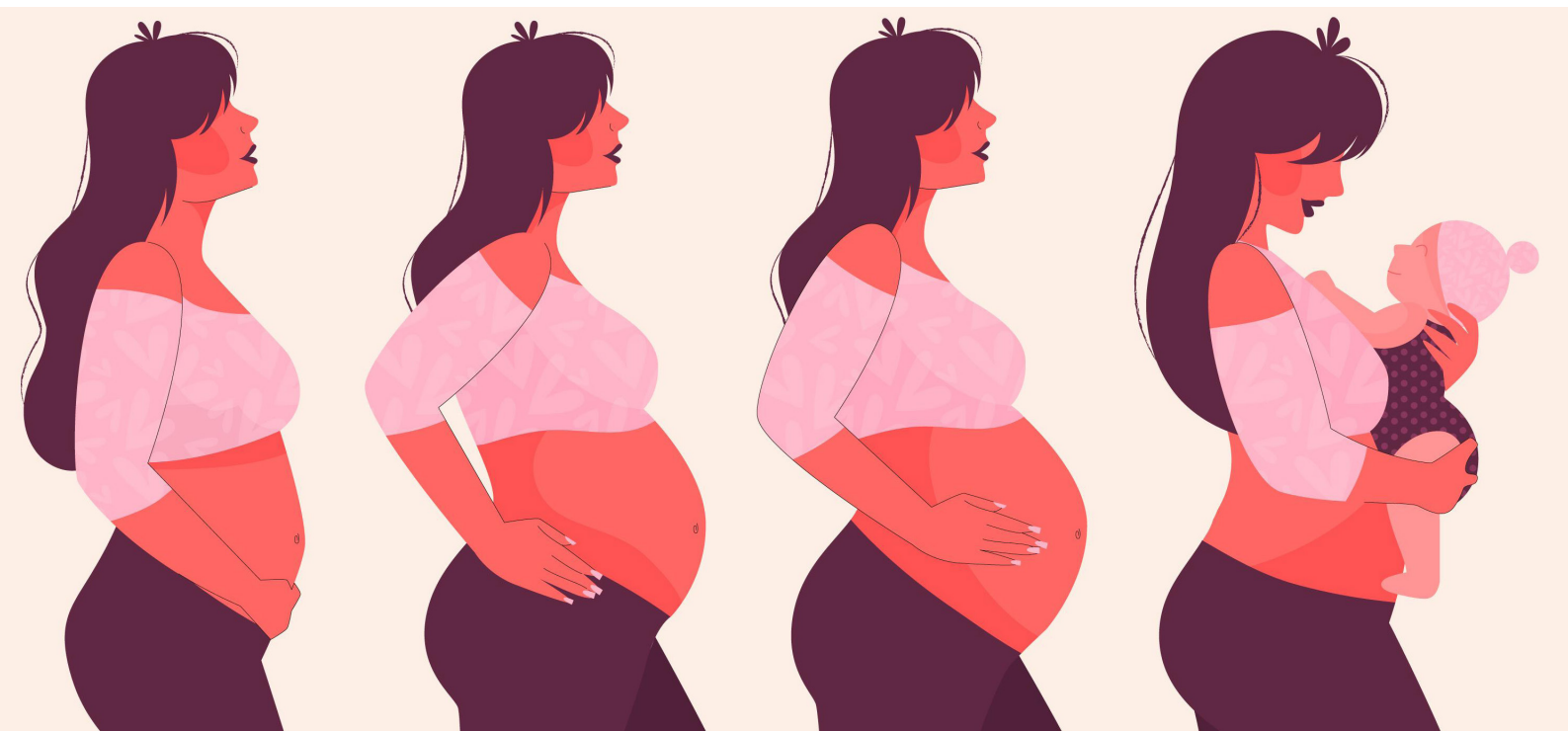


ilustração: freepik.com

A pandemia do novo coronavírus vem afetando a saúde de diversas pessoas pelo mundo, porém sabe-se que o vírus, que afeta principalmente o sistema respiratório, age de forma mais grave em idosos e portadores de doenças crônicas. No início da pandemia, acreditava-se que mulheres gestantes e no puerpério (período pós-parto) não teriam risco de complicações agravados pelo coronavírus. Contudo,

a partir de novembro de 2020, o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC/EUA) publicou pesquisas que mostram que gestantes infectadas pelo COVID-19 têm maior risco de complicações, necessidade de tratamento em Unidades de Terapia Intensiva (UTI) e óbito. Esse fato, além da inserção nos grupos de risco e de prioridade de vacinação estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde

“A atuação do projeto na cidade de Cuité se faz ainda mais importante quando se constata que na cidade não há acesso direto a UTI.”

(OMS) causou em diversas gestantes e mulheres que planejam ser mães, uma série de dúvidas sobre a relação real entre gravidez e o novo vírus e que cuidados tomar a partir disso.

O período de descoberta da relação entre COVID-19 e gestação coincidiu com a fase da segunda onda da doença no Brasil, que segundo especialistas começou em meados de novembro de 2020. A segunda onda afetou gravemente a situação das gestantes no país. Dados do Observatório Obstétrico Brasileiro Covid-19 (OOBr Covid-19) mostram que somente no primeiro trimestre de 2021 o país teve mais gestantes e puérperas vítimas da Covid-19 que durante todo o ano de 2020. Essa situação se dá em um contexto já frágil, pois no Brasil a taxa de mortalidade materna em 2019 era de 55 para cada 100 mil bebês nascidos vivos - a OMS orienta que esse número seja inferior a 20. Esses dados podem ser melhor entendidos quando levamos em consideração que, nos últimos anos, o Brasil vem retrocedendo em políticas públicas que garantem a dignidade social dos brasileiros, exemplos disso são as altas taxas de desemprego, miséria e volta do país ao mapa da fome.

É dentro desse contexto que surge o projeto de extensão “Tele Saúde – Gestação ComVida”: contribuindo para a gestação saudável em tempos de pandemia do Coronavírus (Covid-19)” promovido por professores e alunos da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). O projeto é coordenado pela professora Gigliola Marcos e está ligado à Unidade Acadêmica de Enfermagem/Centro de Educação e

Saúde (UAENFE/CES/UFCG) na cidade de Cuité, região do Curimataú paraibano. O grupo é composto por uma professora coordenadora, três alunos extensionistas e conta com as colaborações externas de um médico obstetra e uma enfermeira obstetra. O projeto tem como objetivo promover conhecimento e informações de qualidade bem como criar uma rede de apoio e cuidados à comunidade de gestantes e puérperas na cidade, através de ferramentas como teleatendimento, redes sociais e plataformas digitais, além de contribuir com a sociedade em geral por meio das atividades de extensão voltadas ao enfrentamento da pandemia.

Como citado anteriormente, mulheres em qualquer fase do ciclo gravídico-puerperal apresentam mais riscos de complicação frente ao Covid-19, assim como mais chances de precisarem de tratamento especializado em Unidades de Terapia Intensiva (UTI). A atuação do projeto na cidade de Cuité se faz ainda mais importante quando se constata que na cidade não há acesso direto a UTI, sendo encaminhados os casos graves de Covid-19 para as unidades de referência mais próximas nas cidades de Campina Grande ou João Pessoa, a 113km e 219km de distância, respectivamente.

A metodologia do projeto previu como etapa inicial a capacitação da equipe extensionista com estudos teóricos e conceituais sobre a temática que segundo Nara Dantas, componente da equipe da iniciativa, é uma etapa extremamente importante para a formação pessoal e profissional dos extensionistas,

“As informações levantadas são difundidas através das redes sociais e dos teleatendimentos”

assim como todo o projeto, uma vez que mostra a importância da educação em saúde. A proposta é



imagem: freepik.com

aproximar a população de Cuité de informações baseadas em evidências científicas. “Para combater a desinformação é fundamental a disseminação de conhecimento. É com esse intuito que o projeto pretende mudar vidas e ajudar a comunidade a proteger-se durante a pandemia”. Através de reuniões semanais é possível avaliar o desenvolvimento do projeto, suas potencialidades e fragilidades, com a intenção de amadurecer e ampliar as ações. As informações levantadas são difundidas através das redes sociais e dos teleatendimentos que são acessados através de QR code dispostos em cartazes localizados em Unidades Básicas de Saúde da cidade de Cuité. Assim, o QR code direciona a usuária para um grupo de WhatsApp do Projeto, onde são feitos os atendimentos remotos que se iniciam de forma mais ampla a partir do mês de novembro.

A equipe envolvida avalia que o projeto vem sendo bem recebido na cidade e que com as redes sociais tem sido possível criar diálogos com mulheres também de cidades próximas e de outros estados. A professora coordenadora Gigliola Marcos frisa que apesar dos desafios que o contexto pandêmico impõe é preciso ressignificar a extensão universitária e mesmo de forma virtual, tocar a vida de indivíduos e comunidades. “Nesse projeto especificamente, as tentantes, gestantes e puérperas podem ter acesso a informações claras e embasadas em orientações científicas e isso faz com que seja evidente a contribuição com gestações e nascimentos mais seguros”, conclui a professora.

ly



www.revistalynaldo.org